Um diálogo entre a morte e um certo cavaleiro

Luciana Helena Mussi

A tela negra ocupa nossa visão e, logo, um clarão acompanhado por um coro. Em seguida, outro clarão que vai definindo o tenebroso céu claro-escuro. Uma águia paira no céu, como se flutuasse numa maré calma de fim de tarde. A introdução de "O Sétimo Selo" (Det Sjunde Inseglet, 1956), de Ernst Ingmar Bergman (Uppsala, 1918 - Fårö, 2007) dramaturgo e cineasta sueco, aterroriza e deslumbra ao mesmo tempo, anunciando a história que será contada.

O filme descreve a parábola do cavaleiro medieval, Antonius Blok (Max Von Sydow) que, no momento em que está voltando para casa com seu fiel escudeiro Jons, após um grande período de ausência, no qual estivera lutando nas cruzadas, encontra o país devastado pela morte e pela peste.

Para completar recebe a visita da Morte (Benget Ekerot), que quer levá-lo, considerando que seu tempo na Terra acabou. Uma figura lúgubre, com seu manto negro, fala ríspida e tranquila, acaba desafiada por este cavaleiro a um jogo de xadrez, concedendo assim, o adiamento da sua sentença, em um cenário muito íntimo e já visto através dos murais do famoso pintor medieval sueco, Alberto Pictor (Hessen, 1440 - 1507).

No retorno para casa, seu fiel escudeiro canta, provoca Antonius: “Deus está lá em cima, ele está tão longe. Mas, o seu irmão Diabo encontramos em todas as partes”. Na realidade ele se refere à peste, à morte, ao fim, que acabarão encontrando pelo percurso; a morte eloquente, mas melancólica, que muito diz na sua mudez.

Neste caminhar o escudeiro do cavaleiro, Jons, dialoga com um pintor, será o “falar alegoricamente” sobre a morte:

Jons: - O que está pintando?

Pintor: - A Dança da Morte.

Jons: - E aquela é a Morte?

Pintor: - Sim, ela dança com todos os outros.

Jons: - Por que você pinta tamanha insensatez?

Pintor: - Eu achei que isso poderia lembrar as pessoas de que elas devem morrer.

Jons: - Bom, isto não as tornará mais felizes.

Pintor: - Por que sempre devemos fazer as pessoas mais felizes? Não é má idéia assustá-las uma vez ou outra.

Jons: - Daí elas fecharão os olhos e se recusarão a olhar sua pintura.

Pintor: - Ah, elas olharão. Um esqueleto é quase mais interessante do que uma mulher nua.

Para o assustado Jons, a pintura sugere o próprio medo das pessoas em relação à danação. Morin (1997:194) afirma ironicamente, referindo-se ao cristianismo, que Deus nasce e vive da noção de morte: "a religião é determinada unicamente pela morte. Cristo irradia em torno da morte, só existe para e pela morte, trás consigo a morte e vive da morte".

Em seu trabalho, o historiador Philippe Ariès (1989), expõe a morte e o modo como foi vivenciada pelo homem em cada época, a partir de seu instigante e bem documentado "História da Morte no Ocidente". Para o autor, houve um longo período na história, no qual as mudanças no modo como a morte era percebida ocorriam muito lentamente e eram quase imperceptíveis. A vivência da morte se dava em família, era a denominada "morte domada". Acreditava-se no destino coletivo e aceitava-se a ordem natural das coisas, pois a socialização não separava o homem da natureza. A morte era uma cerimônia pública, um ritual compartilhado por todos da casa.

A morte era tida como um evento natural e esperado, própria do ser humano. Era o mundo dos vivos e dos mortos ligados por uma relação quase simbiótica e aos mosteiros cabia o papel de interceder junto ao "além" em favor da sociedade. Assim a morte era aceita, num clima de tranquilidade e resignação.

Numa visão crítica, Elias ressalta a visão romântica de Ariés na interpretação dos dados históricos, especialmente, quando infere ter havido um tempo em que a relação do ser humano com a morte era calma e revestida de serenidade. Pontua a presença do tormento e da angústia como algo que

sempre permeou a relação do ser humano com a morte, pois está implicada na consciência da morte:

> O certo é que a morte era tema mais aberto e frequente nas conversas na Idade Média do que hoje. A literatura popular dá testemunho disso. Mortos, ou a Morte em pessoa, aparecem em muitos poemas. Em comparação com o presente, a morte naquela época era, para jovens e velhos, menos oculta, mais presente, mais familiar. Isso não quer dizer que fosse mais pacífica. Além disso, o nível social do medo da morte não foi constante nos muitos séculos da Idade Média, tendo se intensificado notavelmente durante o século XIV. As cidades cresceram. A peste se tornou mais renitente e varria a Europa em grandes ondas. Pregadores e frades mendicantes reforçavam tal medo. Em quadros e escritos surgiu o motivo das danças da morte, as danças macabras. Morte pacífica no passado? Que perspectiva histórica mais unilateral! (2001:21)

Ariés (1989) diz que o medo da Morte só irá surgir a partir do século XIX. É no século XV, segundo este mesmo autor, que a morte passa a estar profundamente ligada a "morte física, carniça e podridão, a morte macabra".

Voltando ao filme, na cena seguinte, a Morte se apresenta como confessor de Antonius Block que pede, quase implora por garantias para morrer:

Antonius: - Eu quero conhecimento.

Morte: - Você quer garantias?

Antonius: - Chame isso como você quiser. Será que é tão cruelmente inconcebível agarrar Deus com os sentidos? Por que Ele deve se esconder em um nevoeiro de meias promessas e milagres invisíveis?

Morte: - não responde […]

Antonius: - Eu quero conhecimento, não fé ou suposições, mas conhecimento. Eu quero que Deus estenda a mão para mim, deixe-se revelar e fale comigo.

Morte: - Mas Ele permanece em silêncio.

Antonius: - Eu o chamo na escuridão, mas ninguém parece estar lá.

Morte: - Talvez não haja ninguém lá.

O olhar do cavaleiro, como um alter-ego de Bergman, expressa seu terrível horror a morte, mas principalmente a inquietante incerteza de que se morresse, não existiria mais, sua total impotência diante da falta de controle sobre esse

morrer, tão pouco palpável, desconhecido, silencioso. Assim Bergman em suas "Imagens" continua:

> Que eu, de repente, tenha tido a coragem de dar à Morte a figura de um palhaço branco, personagem essa que conversava, jogava xadrez e não arrastava consigo quaisquer segredos foi o primeiro passo em minha luta contra o horror que sentia da morte. (1996: 238)

Antonius Blok exclama: "A vida é só horror e humilhação. Ninguém pode viver em face da morte sabendo que tudo é sem sentido". Pessini (2009) afirma que a morte sempre nos visita, mansamente, espreita pela vida, desde cedo, talvez desde sempre. Ela se apresenta através das perdas de nossos entes queridos, e porque não dizer de todas as transformações sofridas, mortes subjetivas de partes de todos nós, que obriga a refletir sobre nossa própria finitude.

No livro do Apocalipse de João, o sétimo selo revela sete anjos que receberão, prenunciarão a derrocada da humanidade.

> Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu cerca de meia hora.
> Então vi os sete anjos que se acham em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas.
> Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono;
> e da mão do anjo subiu à presença de Deus o fumo do incenso, com as orações dos santos.
> E o anjo tomou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o atirou à terra. E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremoto.
> Então os sete anjos que tinham as sete trombetas prepararam-se para tocar. (Apocalipse 8, 1-6)

Bergman na "pele" de Antonius Blok discute a existência humana, questões ligadas ao tão procurado sentido da vida, remetendo às discussões sobre o envelhecimento, a imortalidade da alma e a existência de Deus. O angustiado cavaleiro se aproxima de uma mulher, supostamente, possuída pelo demônio e clama: "Quero perguntar ao Diabo sobre Deus. Pelo menos ele, já que ninguém mais sabe, poderá dizer-me alguma coisa". Bergman afirma que não devíamos falar de Deus, mas sobre a santidade dentro do homem. O cineasta expressa com o mais profundo sentimento as questões infantis ligadas a religiosidade que o levaram ao Sétimo Selo:

> Naquele tempo eu vivia com uns restos estiolados de uma fé de criança, a ideia absolutamente ingênua do que se poderia chamar uma possibilidade para além deste mundo. Minha convicção atual começava a se manifestar.

> Segundo ela, o ser humano tem dentro de si sua própria Santidade, que é deste mundo e não tem explicação fora dele. Daí haver no filme esse resto de uma fé sincera, infantil, isenta de neurose, conjugando-se com uma concepção mordaz e racional da realidade. Este filme é definitivamente, a expressão de uma das últimas ideias e manifestações de fé que eu herdara de meu pai e que alimentara desde a infância. (1996:234)

O cerne deste filme, segundo palavras de Bergman, "é o medo insano da morte". Com base nesta incômoda afirmação, há que refletir; porque lutar contra a morte? Côrte, citando o filósofo contemporâneo francês Jean Baudrillard, alerta para uma possibilidade do pensar inverso: "Cegamente, sonhamos em sobrepujar a morte por meio da imortalidade, quando o tempo todo a imortalidade é o mais terrível dos destinos possíveis" (2005, p.255).

Nascer, viver, envelhecer e morrer. Cumpre-se o ciclo, não há como evitar, se assim não fosse, a dor seria imensa, ver as pessoas passarem, romper através dos séculos, está é uma imortalidade que não nos cabe, é uma vestimenta eterna e sofrida, e que assim seja, brindemos a nossa mortalidade!

Em "Todos os Homens são Mortais", Beauvoir (1983) descreve um personagem do século XIII, o conde Fosca, que atravessa o tempo e chega até nossos dias, questionando a ambição, o poder, a imortalidade, o prazer, o destino e a transcendência. A imortalidade do personagem principal "equivale a uma danação pura e simples". Ele está condenado a jamais compreender a verdade desse mundo finito: o absoluto de toda consciência efêmera. Ele se sente punido pela imortalidade que recebe, apesar de muito tê-la desejado pela ambição ao poder.

Para o enigmático Bergman e toda sua arte, sempre há um aceno de esperança, um vislumbre de salvação:

> De repente, fiquei sabendo que *assim é*. Conceber que do estado *de ser* nos transformamos em *não ser* não é fácil. Mas para alguém, como eu, com um medo constante da morte, aquela vivencia foi um grande alívio. Por outro lado, e se assim é, é um pouco aborrecido, pois não deixaria de ser agradável continuar vivendo outras experiências depois de a alma ter descansado de sua separação do corpo. Mas não creio que seja assim. Primeiro *somos* e depois *não somos,* o que, como disse, é sumamente satisfatório. O que me dava tanto pavor, o enigmático, o Além, não existe. Tudo é deste mundo. Tudo existe dentro de nós, tudo se passa dentro de nós, nos infiltramos uns nos outros e nos libertamos uns dos outros. É tudo. (1996:239)

Referências

ARIÉS, P. *História da morte no ocidente.* Lisboa: Teorema, 1989.
BEAUVOIR, S. *Todos o homens são mortais. Disponível em* http://pt.shvoong.com/books/novel-novella/1652644-todos-os-homens-s%C3%A3o-mortais/. Acesso em 13/09/2010.
BERGMAN, I. *Imagens*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
BERGMAN, I. *O Sétimo Selo.* [Filme-DVD]. Suécia, 1956. Versátil Home Vídeo.
CÔRTE, B. "Biotecnologia e longevidade: o envelhecimento como um problema solucionável?" In: CÔRTE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI. I.G. (Orgs.). *Velhice, envelhecimento.* São Paulo: Vetor, 2005.
ELIAS, N. *A Solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
FIGURELLI, R. "Envelhecimento e Morte na Obra de Ingmar Bergman". In: GUSMÃO, N.M.M (Org.). *Cinema, velhice e cultura*. São Paulo: Hucitec, 2005.
MORIN, E. *O Homem e a morte.* Rio de Janeiro: Imago, 1997.
PESSINI, L. "Vida e morte: uma questão de dignidade". In: SANTOS, F.S.; INCONTRI, D. (Org.). *A Arte de morrer.* Bragança Paulista: Comenius, 2009.

Luciana Helena Mussi - Engenheira, Psicóloga e Mestranda em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). E-mail: lh0404@terra.com.br